



BLUMENAU

em **CADERNOS**

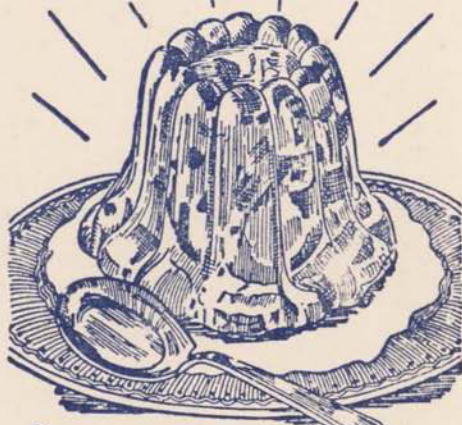
TOMO III - Nº9

SETEMBRO

1960

Medeiros

*Realce as suas
refeições com os
deliciosos sabores dos
Pudins Medeiros*



*Sua aparência é tão atraente...
seu delicioso sabor de frutas
tão tentador... É o complemento
indispensável às refeições mais
simples.*

10 Finissimos Sabôres

INDUSTRIAS GERAIS
CÁSSIO MEDEIROS S/A
BLUMENAU — SANTA CATARINA

Medeiros

BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo III

SETEMBRO DE 1960

N.º 9

CERVEJARIAS DE BLUMENAU

J. Ferreira da SILVA



HEINRICH HOSANG, de quem se trata neste artigo, foi o primeiro cervejeiro de Blumenau. Sua vida de industrial laborioso e progressista decorreu sem grandes alternativas, nem incidentes de monta, mas foi uma existência proveitosa à coletividade em que se radicou.

Não há muito tempo, "Blumenau em Cadernos" lembrou que seria interessante contar a história das cervejarias de Blumenau, relembrando os velhos tempos da "Schuetzen Verein", da "Frohsinn", da "Gemuetlichkeit", dos torneios de canto e de ginástica, que a loura e espumante bebida presidia, enchendo de alegria as almas e os corações.

O assunto é, realmente, tentador. Para a sensibilidade de poetas, principalmente, ou das criaturas sonhadoras, esquecidas do corpo envelhecido, vivendo a saudade dos tempos que lá se foram, nas rodadas do "skat", ou nas cantorias inspiradas no tilintar dos copos, ou das desageitadas batidas dos canecões de porcelana cinzelada, cujas inscrições, pelo sentido e pela arte da gravação, representavam novos convites à intemperança, ao esquecimento das agruras da vida, para o mergulho de máguas e dissabores na espumígera e inspiradora infusão.

Qual de nós, que já vamos, na atribulada e longa peregrinação pelos mares da vida, dobrando o "cabo da Boa Esperança", das ilusões e das quimeras, não sente saudades da Blumenau colonial, da cidade modesta, onde, a par da severidade de costumes, do gosto pela cultura física, da mente e do espírito, havia consciência da necessidade das alegrias sadias, que

retemperassem energias dispendidas em semanas inteiras de duro labor, de esforços em busca do bem-estar próprio e da coletividade?

Vivem, apenas, na nossa recordação, as reuniões sociais, os bailes onde a cerveja crioula imperava em cada mesa, farta e barata, sôbre os balcões dos bares, iluminando o geral contentamento, que se traduzia em cantos e vivas, de mistura com as polcas e valsas das orquestras de sôpro, entre as quais sobressaíam as que tinham por mestres o Lindner, o Ruedige, e o singular Augusto Werner, cujo piston, assoprado por possantes bochechas fazia estremecer as vigas dos salões, cobertas de bandeirinhas de papel de seda multicolor.

Registrar tudo isso, com o colorido próprio, seria tarefa para gente de maior sensibilidade artística que a nossa. Dado mais às pesquisas que às rememorações sentimentais, procuraremos, nestas linhas, traçar um ligeiro histórico das cervejarias blumenauenses, em simples enumeração de fatos e datas, deixando para os artistas da inteligência a face emocional, afetiva e poética de tão interessante tema.

Vindos da velha Germânia, onde o uso da cerveja era tradição das mais antigas, um quase culto, era natural, também, que os colonos agrupados no estabelecimento fundado pelo dr. Blumenau, pensassem como o herói de Shakespeare na "Twelfth night":

"Dost thou think, because thou art virtuous, there shall be no more cakes and ale?"

"Pensas, por acaso, porque és virtuoso, que não deva haver mais bolos e cerveja?"

Em 1858, veio juntar-se aos colonos alemães que construíram, à margem do Garcia, a sede da colônia Blumenau, um imigrante de trinta anos de idade, natural de Brusnviq, o condado alemão de onde também procedia o fundador.

Chamava-se Heinrich Hosang. Homem ativo e empreendedor, não limitou suas ocupações ao amanho da terra. Pensou logo na criação de uma indústria de cerveja, de que trouxera prática do velho mundo. E tão logo viu possibili-

dades de suficiente consumo para a produção prevista, e depois de ter construído sua casa na atual rua São Paulo (casa que ainda existe) e de ter se casado com Helena Brandes, instalou, nos fundos de sua residência, a sua pequena indústria.

Isso se deu em 1860, quando Blumenau contava, apenas, pouco mais de 950 moradores, agrupados em 190 famílias e outras tantas casas de moradia, das quais só umas sessenta mereciam esse nome, pois, as outras, não passavam de ranchos cobertos de palha.

O terreno adquirido por Hosang tinha 150 geiras e custara 450\$000, equivalentes a Cr\$ 450,00, que foram pagos à vista. Não se tendo, no momento de efetuar o pagamento, conhecimento, ainda, do regulamento da colônia (que naquele mesmo ano de 1860 passara para o domínio do governo imperial) e que concedia o desconto de 12% sôbre o preço de terras pagas à boca do cofre, Hosang em 1867, requereu lhe fôsse devolvida a importância que pagara a mais.



A esposa de Hosang, **HELENA BRANDES**, quando ainda noiva, trajando a elegante indumentária da época.



FRANCISCO HOSANG foi o cervejeiro que Blumenau dos nossos dias ainda conheceu. Intervenções cirúrgicas privaram-no de uma das pernas, obrigando-o ao uso de muletas. A doença forçou-o a abandonar a indústria.



A fábrica de Hosang prosperou. De ano para ano, foi crescendo o consumo da bebida que preparava e que era a preferida no comércio local.

O casal Heinrich Hosang teve cinco filhos: Elisa, depois casada com Alvin Schrader (que chegou ao posto de superintendente municipal, tendo governado Blumenau por três quadriênios consecutivos); Oto, casado com Clara Odebrecht; Clara, casada com o conde Von Wetarp; Francisco, casado com Ana Maschke; e Helena, que se casou com Hermann Schossland.

Hosang esteve à frente da sua indústria até 1888, quando faleceu com 60 anos de idade.

Seus herdeiros guardam ainda, curioso livro de registro de vendas de cerveja, de 1880 a 1881, a comerciantes e a particulares e onde se colhem dados interessantes a respeito dos consumidores da nutriente bebida, naquela época.

Assim, verifica-se, desse livro, que a Sociedade de Atiradores, de que era zelador o sr Francisco Lungershausen, consumiu, só no primeiro daqueles anos, 7.722 garrafas da cerveja fabricada por Hosang, fora a de outras marcas que já havia na colônia, o que representa uma média de 22 garrafas diárias.

Maurício Holetz, dono de hotel e bar, era outro grande freguês da cerveja Hosang: cerca de 300 garrafas por mês. Os negócios do Reinhardt, do Fernando Schrader, do Henrique Probst, do Sutter, do W. Scheeffer, do Victor Gaertner, do Paulo Hartmann, do Stein, do Wegener, do Beyer, do Fiedler, do Asseburg, do Rabe, do Schreiber, do Paupitz, do H. Kestner, do H. Hering, do Guilherme Engelke do Jens Jensen e de muitos outros, espalhados pelo interior da colônia, eram outros tantos revendedores importantes.

Uma espiada indiscreta às páginas do livro do registro de vendas, revela-nos particularidades interessantes. Por exemplo: o dr. Valloton, que era o médico da colônia, não era muito sóbrio no consumo de cerveja: mais de duas garrafas por dia. O engenheiro Krohberger, contentava-se com uma só, diariamente. O dr. Eberhardt, outro médico, farmacêutico e, depois, agente do correio, era mais moderado. O dr. Wigando Engelke, não lhe ficava atrás: 32 garrafas em dezembro, naturalmente para as festas do Natal. O dr. Vitorino de Paula Ramos, chefe do Comissariado de Terras, também contentava-se com uma garrafa por dia, assim como o dr. F. P. da Costa Moreira, juiz municipal. Ao escrivão Gløeden bastavam 6 garrafas por mês. A família do dr. Blumenau, em seis meses, consumiu 126 garrafas de cerveja do Hosang. Deixemos, porém, indiscreções de lado.

Depois do falecimento de Heinrich Hosang, a viúva, auxiliada por seu filho Oto, continuou à frente da fábrica, com a mesma eficiência e o mesmo sucesso anterior, até que, em 1898, o filho do casal, Francisco e o genro, Hermann Schossland, associados, passaram a dirigir a cervejaria, sob a razão social de Schossland & Hosang.



O casal CARLOS RISCHBIETER e HEDWIG CLASEN, esta nascida em Itajaí em 15 de dezembro de 1862, cervejeiros tradicionais, de quem trata este artigo.

— ★ —

Em 1906, Francisco Hoşang assumiu, sozinho, a responsabilidade pela firma, até 1923 quando, por motivo de doença, viu-se obrigado a fechar a fábrica, vendendo todo o acervo, material e maquinismos, à firma Eock, de Nova Breslau, atual Presidente Getúlio, onde ainda prestaram serviços por longos anos.

E' dessa última época, o rótulo da "Cerveja Victória" que ilustra este trabalho e que custava 300 réis a garrafa. Era, como as demais, das chamadas "marca barbante" porque as garrafas, em vez de fechadas com as tampinhas de metal, como atualmente se usa, eram obturadas com rólhas de cortiça. Um fio de barbante, passado sobre as rólhas e amarrado ao gargalo das garrafas, assegurava maior resistência aos efeitos da fermentação da bebida.

De 1862 em diante, outros fabricantes de cerveja existiram em Blumenau; parece, entretanto, que não chegaram a organizar indústria, com alguma significação,

pelo volume de produção. Em relatórios do dr. Blumenau, este dá como existindo na colônia, em vários anos, cerca de 10 fábricas de cerveja. Naturalmente, tratava-se de pequenos manipuladores da bebida, espalhados por toda a colônia, servindo a uma freguesia reduzida.

Outra cervejaria importante de Blumenau foi a de Carlos Rischbieter, conhecida por "Rischbieter Brauerei", estabelecida ao pé do morro da Bela Vista, por volta de 1875 e que, anos depois, foi adquirida por Walter Berner, que viera de Joinville e que continuou no ramo, até época recente.

A propósito dessa fábrica, demos a palavra ao professor Max Humpl. Este educador foi professor, por dilatados anos, da escola particular de Itoupava-Sêca, dando aulas e tendo residência no edifício, hoje ocupado pelo Grupo Escolar "Machado de Assis". Homem inteligente e de suficiente cultura, nutria acentuado gosto pelo estudo do passado blumenauense. Auxiliado pela esposa, dotada de invulgar aptidão para o desenho, elaborou um magnífico trabalho sobre os primeiros moradores do bairro, que vai perdendo, gradativamente, o nome de "Áltona", dado pelos seus povoadores (por provirem daquela cidade alemã, ligada ao porto de Hamburgo) para firmar-se na designação de "Itoupava-Sêca" pela qual já era conhecido, antes mesmo da vinda do dr. Blumenau.

Esse trabalho, a que foi dado o título de "Crônica de Áltona" foi escrito em alemão, ilustrado com muitas fotografias antigas e com desenhos e iluminuras de acentuado bom-gosto. Encontrava-se no arquivo da prefeitura de Blumenau e foi, infelizmente, consumido pelo incêndio causador da completa destruição de todo o acervo histórico do município.

Ainda bem que essa admirável e paciente pesquisadora, dona Christiana Deeke Barreto, copiou e traduziu a parte da crônica referente à família Rischbieter, em que se entrosam os seus ascendentes, salvando, assim, parte do trabalho de Max Humpl!

No propósito de tirar do esquecimento, e mesmo de eventual perda, aproveitamos a autorização,



No dia em que a bisavó Rischbieter completava, em 1905, o seu nonagésimo aniversário. Da esquerda para a direita. De pé: Alvina Clasen, Carlos Rischbieter, Wilhelm Rischbieter, Maria Rischbieter, Rosália, casada com Hertel, Elisa, casada com Lueders. Sentados: Augusta, casada com Baumgarten e Charlotte Rischbieter, a nonagenária, bisavó de Carlos Rischbieter. O bisavô, Heinrich faleceu em 1877. Charlotte, nata Alms, nascida em 1815, faleceu em Blumenau em 1914.

que nos deu a nossa distinta colaboradora, para transcrever, aqui, na íntegra, a mencionada parte do escrito do professor altonense, o qual inclui a história da cervejaria Rischbieter e dados genealógicos da família, a que se acham ligados elementos em evidência na vida política, econômica e cultural do município:

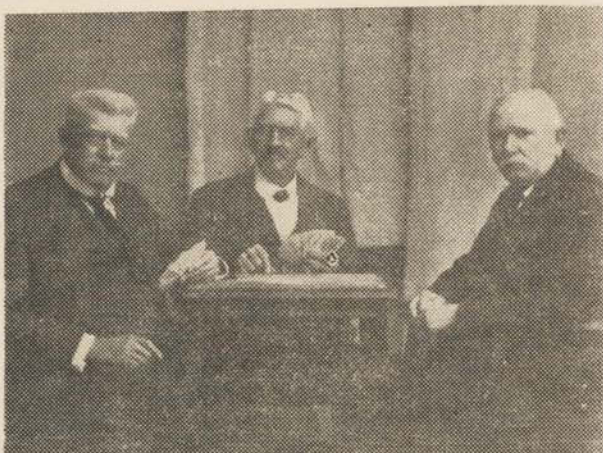
"Junto ao sopé do "Boa Vista" começa, com a Cervejaria Rischbieter a nossa Áltona. Aproximamo-nos do homem, apoiado em uma bengala à la "velho Fritz" (Frederico Rex, da Prússia), com o inevitável cachimbo entre os dentes, expressão benévola no rosto sadio, o proprietário daquelas construções, Carlos Rischbieter que, no bonito bar da sua cervejaria, nos conta, prazerosamente, a história da sua vida e da sua casa, apresentando-nos, assim, em

horas bem agradáveis, um retrospecto dos primeiros dias dos moradores, aqui recém-estabelecidos, pois, "contar" é o seu prazer, e com razão, pois ele tem jeito para isso.

Tio Carl nasceu a 12 de setembro de 1849 em Bienenbuettel, perto de Hannover, na Alemanha, tendo aqui chegado aos 12 anos de idade, em 29 de dezembro de 1861, em companhia de seus pais Ludwig e Charlotte Rischbieter, de um irmão e seis irmãs.

De canoa, como todos os imigrantes da época, subiram o rio até a propriedade adquirida em Salto do Norte, na margem esquerda do Itajaí-Açu, defronte à atual ponte do Salto, onde Carl Rischbieter, durante doze anos, experimentou todas as azuras e prazeres da vida dos imigrantes pioneiros, tendo, depois, partido

No clichê aparecem, da esquerda para a direita, Augusto Zittlow, inspetor de linhas telegráficas, aposentado; Leopoldo Hoeschl, que foi deputado estadual e tesoureiro da Superintendência e Carlos Rischbieter, industrial, três veteranos blumenauenses, numa partida de "skat, jogo tradicional e que era, então, o entretenimento predileto. Aqui falta a cerveja, que sempre o acompanhava. As mesas de "skat" constituem outro tema interessante, pois, em redor delas girava a vida social e administrativa da colônia e dos primórdios do município.



para o Rio de Janeiro, onde foi aprender a profissão de cervejeiro.

De volta, instalou-se êle, entre 1875 a 1877, perto do seu atual estabelecimento, na propriedade de Carlos Probst, fronteira às terras de Augusto Werner, com a sua primeira cervejaria, até que adquiriu, de Augusto Blomeier, a propriedade conhecida como "dos Ebert", onde levantou as construções da atual fábrica e dependências, menos a saleta-bar, que só foi construída em 1907, como necessidade absolutamente "edificante".

Em 1879, casou-se Carl Rischbieter com Hedwig Clasen, filha do serralheiro, estabelecido em Altoona, Heinrich Clasen e de sua esposa Augusta, nascida Mathes. Tendo esta falecido, casou-se Heinrich Clasen, em segundas núpcias, com Alvina Rischbieter, irmã de Carl, tornando-se êste, cunhado do sogro e da própria irmã que, por sua vez, ficou sogra e cunhada do irmão.

O irmão de Carl Rischbieter, de nome Wilhelm, havia alugado uma casinha de madeira, construída em 1863, próxima à grande figueira, ainda existente, onde êle, desde 1866, se instalara com uma vendinha e fábrica de vinagre, até que de lá se mudou para uma propriedade adquirida mais próxima à sede, pertencente, hoje, a Hartwig Rischbieter (isto em 1918. Hoje pertence aos herdeiros de Pedro Alcântara Pereira). A casinha

histórica, perto da figueira, havia sido antes uma bodega de cachaça, que tinha o nome de "Waldschneepfe" (Codorna do mato), servindo de ponto de reunião dos primeiros moradores da colônia, que até ali chegavam subindo o rio, de canoa, ou pelas íngremes picadas de caçadores. Posteriormente, morou nela o sapateiro Ruehr, durante uns oito anos, tendo sido salvo, em canoa, na enchente de 1880, quando a "Waldschneepfe" foi totalmente submersa. Mais tarde, e por alguns anos ainda, estabeleceu-se na casinha um certo Steinert, com outra bodega.

Iniciou, então, Carl Rischbieter o saneamento dos pântanos nas baixadas da sua propriedade, perto da figueira, tendo colaborado também, ativamente, no melhoramento da estrada geral (hoje rua São Paulo), construída na sétima década do século passado, a qual, especialmente no trecho "dr. Sappelt" (imediações da atual praça "dr. Fritz Mueller" e nos "Stich" (adjacências da atual esquina das ruas São Paulo e Almirante Barroso) era traçada sobre terreno pantanoso e onde inúmeras cargas de pedras foram tragadas pela espessa camada de lodo.

No ano de 1897, levantou Carl Rischbieter, junto à casa de enxaimel, já construída em 1860 por Ferdinand Ebert, demolida apenas recentemente (1914) e que, até então, servira de moradia aos Risch-



* * *

Um rótulo da "Cervejaria Vitória", de fabricação de Francisco Hosang. Devemos êsse interessante e raro exemplar ao filho do fabricante, sr. Erich Hosang, a quem somos muito gratos por outras informações que nos foram fornecidas para a elaboração deste artigo. Além dessa, outras marcas eram fabricadas pela Cervejaria Hosang.

* * *

bieter, a atual casa residencial, em situação esplêndida, à beira do rio, rodeada de árvores frutíferas, palmeiras raras e de bem cuidados jardins. À direita, encontra-se uma pedreira de rocha vermelha, que, mais ou menos, até 1910, foi explorada, tirando-se de lá, anualmente, 200 a 300 metros cúbicos de pedras. Durante a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, em 1907, de Blumenau à estação Hansa (no atual município de Ibirama) forneceu a pedreira, mais ou menos, um mil metros cúbicos de pedras para a construção de obras de arte.

A cervejaria prosperou, tendo sido adaptada à electricidade em 1913.

"Bavária" (clara) e "Favorita" (escura), além da marca "Schwartzbier", são produzidas na proporção de 100.000 garrafas anualmente, mais ou menos.

Carl Rischbieter progrediu, tornando-se cidadão abastado, conceituado e de influência na vida da comuna, onde desfrutava, pelo gênio alegre, desprezenciosa amabilidade e retidão inata, de grandes simpatias. Como primeiro e segundo presidente, durante longos anos, da Sociedade de Atiradores de Blumenau, fundada em 1859, foi ele a alma das diversões promovidas por essa agremiação, nos "velhos bons tempos".

Sorte e azar experimentou Carl Rischbieter, intensamente na sua vida. Tendo tido a rara felicidade de assistir, no ano de 1885, as bodas de ouro de seus pais, feriu-o

doloroso golpe a 7 de abril de 1906, quando perdeu seu filho mais velho, Adolfo, nascido em junho de 1880, cuja vida, cheia de esperanças, apagou-se, vítima de um acidente de equitação.

A 19 de janeiro de 1914 faleceu, aos 99 anos de idade, sua mãe Charlotte Rischbieter, nascida em Alms, que era a pessoa mais idosa de Altona.

Em 1904, a 29 de agosto, quando se realizou, também, o casamento de sua filha Ema, com José Deeke, celebrou Carl Rischbieter as bodas de prata com a sua esposa Hedwig, exemplo de legitima dona de casa e mãe, no estilo germânico, cujas qualidades podem ser as simbolizadas na "Canção dos sínos" de Frederico von Schiller, no seguinte trecho:

"...E no íntimo do lar age
A prendada dona de casa,
Governando, com eficiência
Ensinando as meninas,
Reprimindo os rapazes.
Movendo, sem descanso
As mãos ativas,
Aumentando as posses
Com senso organizado:..."

Assim, receberam sob sua orientação, três filhos e cinco filhas, uma educação esmerada, enquanto o pai lhes proporcionava boa instrução escolar. Amparava êe, concretamente, a escola nas proximidades de sua casa, onde lecionava, durante muitos anos, seu cunhado Carlos Hertel, em benemérita atividade professoral, denominada, na época "Escola da Velha". (Devido à próxima en-

trada para o vale da "Velha", pela estrada do ribeirão Jararaca, "Scharackenbach", na giria blumenauense, hoje adulterado para "Jaracumbá").

A conceituada família Rischbieter está espalhada por todo o município de Blumenau (1918, então incluindo a região de Gaspar até a zona serrana, Trombudo, Taió, Pouso Redondo, Ibirama, Timbó, Rio do Teste, etc.), como está intensamente ramificada, atingindo as ligações famílias aqui arraigadas, demonstra o seguinte quadro:

CARL RISCHBIETER, casado com **Hedwig Clasen**, natural de Itajai :

Filhos: **Luís Rischbieter**, casado com **Olga Ebert**, Altona.
Madalena, casada com **Willy Scheeffe**, Blumenau.
Elly, casada com **Hermann Maas**, Altona.



Uma estante do "Museu Jennrich", uma das mais interessantes iniciativas culturais de Altona. Nele o cervejeiro de Itoupava-Sêca reuniu documentos e objetos de grande valor científico, de um modo especial sobre os aborígenes do Vale do Itajai.

Ena, casada com **José Deeke**, Hamônia (Ibirama).

Inês, casada com **Leopoldo Rabe**, Blumenau.

Frida, casada com **Teófilo Zadrozny**, Blumenau.

Henrique (casou em 1922 com **Elena Hackländer**).

Irmão WILHELM RISCHBIETER:
Do primeiro matrimônio com **Ida Zesch**:

Filhos: **Hartwig**, casado com **Ana Labes**, Blumenau.
Ana — casada com **Henri Eifert**, Blumenau.
Charlotte — casada com **Carl Budag**, Velha.
Ida — casada com **Franz Krueger**, Blumenau.

Do segundo matrimônio com **Ana Zesch**, natural da Saxônia:

Gertrudes — casada com **Hans Meier**, Hamburgo.
Carlos — casado com **Grete Delitsch**, Joinville.

Irmã AUGUSTA RISCHBIETER, casada com **Júlio Baumgarten** (Este **Júlio Baumgarten** era viúvo e teve, do primeiro matrimônio, 3 três filhos: **Hermann**, que casou com **Maria Deeke**; **Inês**, que casou com **Teodoro Kleine** e **Júlio Baumgarten**, casado em **Porto Alegre** e pai do nosso assinante sr. **Victor Hugo Baumgarten**, de Blumenau):

Filhos: **Adolfo**, casado com **Margaret Gensly**, Curitiba.
Walter, casada com **Meta Wehmuth**, Blumenau.
Alice, casada com o pastor **Faulhaber**, Alemanha.
Marta, casada com **Reinoldo Anton** — Blumenau.
Augusta e **Emília**.

Irmã ELISA RISCHBIETER, casada com **Frederico Lueders**, de Indaial (em segundas núpcias com **Carl Ritter**, de **Porto Alegre**):

Filhos: **Arnoldo**, casado com **Maria Engelmann**, de Joinville.
Emy — casada com **Paulo Lange**.

Até aqui o trecho da "Crônica de Altona".

Temos, finalmente, a Cervejaria Jennrich, de Itoupava-Sêca, que, por vários lustros, foi o ponto de reuniões alegres dos apreciadores de cerveja daquêle bairro. Mesmo de Blumenau, não poucos apaixonados da loura bebida, se reuniam no bar, que Jennrich preparara num compartimento da fábrica, mobilado a capricho, à moda das tradicionais "Bierstube" da legendária Munique, com os seus jarros e canecões de barro e porcelana lavrada, ostentando figuras e legendas, ora sérias, ora brejeiras, com chifres e cabeças de veado e de outros animais enfeitando as paredes.

Ali as horas decorriam céleres, em barulhentas tertúlias, pela noite a dentro, sob o estourar das rôlhas bombardeando o teto, donde guirlandas pendiam. Ao alto da entrada, a decantada frase latina, que os leitores dos "Cadernos" já conhecem "Cerevisiam bibunt homines; coetera animantia bibunt ex fontibus".

Quando a pressão subia além do normal, começavam as cantorias. A princípio, ordenadas, cadenciadas e harmônicas. Depois, e à proporção que o calor aumentava, iam a tôdas as escalas da desafinação, em sustentidos incríveis, ou em baixos tétricos e sepulcrais.

Oto Jennrich criara-se com a família Hosang(de cuja cervejaria se tornara auxiliar dedicado e operoso). Já homem maduro, estabeleceu-se por conta própria. Era, além de bom cervejeiro, homem de bastante leitura e tinha grande paixão pelas coisas do passado blumenauense. Assim é que, à própria custa, construiu, em terreno fronteiro ao da cervejaria, um pequeno sobrado em que instalou um museu. Ali se via uma infinidade de objetos de raro valor histórico e etnográfico, como flechas, arcos e outros apetrechos dos botocudos que infestavam o Vale do Itajaí; exemplares de plantas exóticas, coleções de insetos e de moedas, minerais, fotografias antigas, rótulos de produtos industriais, enfim uma série enorme de pequenas coisas relacionadas com os primeiros tempos da colônia, com os seus fundadores e povoadores, com as nossas riquezas naturais,



OTTO JENNRICH, interessante figura de industrial dos primeiros anos do município, a cujo desenvolvimento cultural prestou destacados serviços com a criação do "Museu Jennrich".

—★—

O "Museu Jennrich" era tão ou mais conhecido e apreciado quanto a sua cerveja. Esta era vendida sob vários nomes, como a "Estrela", a "Polar", a "Kulmbach", preta, em meias garrafas. O seu custo era, geralmente, de 400 réis a garrafa.

Quando Adolfo Schmalz, Hans Lorenz e Victor Gaertner instalaram um cinema em Itoupava-Sêca, a entrada, que custava 1\$200, dava direito a três garrafas de "Jennrich-Einfach", bebidas no próprio salão de projecção, enquanto se apreciavam as fitas de Max iLnder, de Waldemar Psilander, quase sempre ao lado de Asta Nielsen.

Jennrich tinha as suas esquisitices e era de gênio reservado, pouco comunicativo, apesar de, não raro, ter que sentar-se à mesa dos apreciadores da sua cerveja e, com êstes, afundar-se na conseqüente e comunicativa alegria. Andava quase sempre de tamancos. E quando era obrigado a usar sapa-

tos, adquiria-os sempre de um ou dois números maiores que os dos pés, pois tinha verdadeiro pavor de senti-los molestando. Nunca se casou. Viciara-se no uso do cachimbo e do fumo em corda. Chegou, até, a idealizar e construir uma máquina para picar fumo. A esse respeito, conta-se que, certa feita, quando movimentava a sua máquina, fê-lo com tanta infelicidade, que decepou, totalmente, as duas primeiras falanges do indicador direito. Sem se alarmar grande coisa, embrulhou o pedaço do dedo num lenço e foi procurar o dr. Hugo Gensch para que este o repuzesse no devido lugar. Verificando a impossibilidade de uma intervenção cirúrgica, o dr. Gensch pilheriou com o cervejeiro, dizendo-lhe que não ficasse triste, pois que aquêle pedaço de dedo, depois de bem seco, daria um excelente limpador de cachimbo. Pois, Jennrich teve a pachorra de fazer secar muito bem o pedaço do dedo e mostrava-o, frequentemente aos amigos, chamando-lhes a atenção para a originalidade do instrumento que o médico lhe havia recomendado para desentupir o cachimbo.

Com a falange que lhe restava, Jennrich costumava fazer outras pilhérias, como metê-la, em parte, na narina, parecendo, assim, que ali havia metido o dedo todo, o que causava hilaridade aos amigos e o espanto nas crianças, que não podiam compreender como é que se podia enfiar um dedo inteiro no nariz.

Jennrich foi um cidadão presti-

moso e o bairro em que desenvolveu a sua atividade, muito lhe deve do seu engrandecimento urbano e social.

A cervejaria de Otto Jennrich passou, mais tarde, para a responsabilidade da "Cervejaria Blumenauense", em sociedade organizada por Schmalz & Thiede e foi, depois, incorporada ao patrimônio da Antartica Paulista.

Há memória, ainda, da "Cervejaria Schmidt", que fôra instalada em prédio nas proximidades da atual "Casa Flsch", na rua 15. O proprietário, o sr. Schmidt, era sogro do dr. Bonifácio Cunha. Foi, entretanto, indústria que durou pouco tempo e que, parece, não teve desenvolvimento comercial. Pouco se sabe sobre ela, além de que o seu produto tinha pouca aceitação, sendo o seu proprietário conhecido pela alcunha de "Sauerbieronkel", ou o "titio da cerveja azêda".

A cerveja Schmidt tinha até um apelido depreciativo, impublicável, porque ao ser desarrolhada, emitia, com abundante espuma, ruído característico e cheiro de fermento azedo. Pelo menos é o que a tradição nos legou.

Desapareceram, assim, as cervejarias Blumenauenses. Mas a sua lembrança, ligada aos bons tempos coloniais e aos primeiros anos do município, permanecerá como a de um dos fatores que mais concorreram para amenisar as agruras da vida dos primeiros Blumenauenses, pondo-lhes um pouco de alegria, de cordialidade saudável e generosa, nos anos atormentados dos começos da colonização.

"Blumenau em Cadernos"

MENSÁRIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 15,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERRIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

DAS ÁRVORES

Quem conhece os "Urupês", de Monteiro Lobato, talvez se lembre do conto "Chóó...pan", onde vem uma conversa entre dois caboclos do "Varjão", quando o maneta Teixeira, ao lavar um monjolo para João Nunes Eusébio dos Santos, pergunta se o compadre "sabe a história do pau-de-feitiço". Pois o maneta ouvira a lenda ao pai, o Teixeira Serrador, madeireiro afamado.

Em cada eito de mato, dizia êle, há um pau vingativo. E de tanto lidar com paus, ficou com a crença de que as árvores teem alma, como a gente. Não vê como gemem certos paus ao cairem?

O desgraçado que acertar meter o machado no pau-de-feitiço, pode encomendar a alma, que está perdido. Ou acontece algo na derrubada da árvore, ou então, por artes da obra feita com a madeira, de todo jeito não escapa.

No conto fictício do mestre da literatura brasileira, a peroba, que servira de marco entre as propriedades do Nunes e do vizinho, e que, já ao ser derrubada, provocara agravo da malquerência existente entre os dois, se vingava através do monjolo, mal feito pelo maneta, triturando a cabecinha do único filho homem da numerosa família do Nunes.

Casos idênticos, entretanto, acontecem mesmo. Muitas vêzes, porém, os contos fictícios ficam gravados na nossa memória e os verídicos se apagam na série de acontecimentos que se sucedem.

No jornal "A Nação", n. 241, de 18 de março de 1950, publicado nesta cidade, encontra-se uma reportagem sôbre o acidente que vitimou a espôsa de um colono na zona rural de Blumenau.

O sr. Artur Seide, colono estabelecido entre Passo Manso, nêste município, e Encano, no de Indaial, ficara paralítico. Cêrca de quatro anos trabalhava sua espôsa, Ella Seide, fazendo as vêzes do marido, nas rudes atividades da roça. Perto da sua casa existiam duas árvores altas, isoladas, tendo os vizinhos aconselhado à senhora Seide a derrubá-las, pois poderia muito bem um temporal arrancar galhos, ou um raio partir uma das árvores que, ao cair sôbre a casa, poderia danificá-la, ou derrubá-la mesmo. A senhora Seide hesitou. As árvores eram bonitas. E sempre ali estiveram! No dia 16 de março de 1950, entretanto, tomou a decisão de derrubá-las. A primeira árvore, quando caía, chocou-se com a copa da outra, desviando-se, na queda, para o lado opôsto ao que fôra calculado, atingindo e esmagando com o seu peso a desventurada senhora que, hospitalizada, faleceu na madrugada do dia 17.

No jornal do dia seguinte ("A Nação" n. 242, de 19 de março) depara-se a continuação do drama: "Estranho caso coroou a tragédia de Passo Manso. Pesada árvore desabou sôbre a casa durante o guardamento. Haveria de cair por si, afirmara a senhora Ella Seide, antes de morrer. Pouco antes do sepultamento da senhora Ella, cujo corpo fôra transportado para a sua residência, uma árvore existente no terreiro desabou repentinamente, fazendo tremer tôda a casa, que teve a varanda atingida por seus galhos. No momento não soprava a menor brisa. Minutos depois chegava ao local, para as cerimônias religiosas que antecedem ao sepultamento, o pastor protestante que, por sua vez, também não esconde o seu espanto, eis que a árvore parecia ter sido arrancada, ficando com tôdas as raízes à mostra".

As duas árvores haviam se vingado!...

UM RETROSPECTO

Gertrudes H. GROSS

28 de julho de 1893.

Nenhum dos velhos blumenauenses ignora, hoje, o significado que essa data teve para nós.

Sessenta e sete anos se amontoaram sobre aquêlê dia. É, pois, tempo de trazer à baila lembranças que não se apagam de todo, em meio ao progresso trepidante da nova Blumenau.

Como se sabe, a 14 de julho de 1893, havia sido tocado de Blumenau o destacamento policial, com tudo quanto possuía. Isso em represália ao procedimento hostil manifestado contra as autoridades fiéis ao governo e mesmo à população. A animosidade já havia, praticamente, chegado ao auge quando a mesma polícia, composta de 15 a 18 homens, sob as ordens de Elesbão Pinto da Luz, tiroteara, na Palmenalee (atual rua das Palmeiras) o salão de bailes do sr. Schrepp, no qual se comemorava, com grande alegria, o regresso do político, dr. Benifácio da Cunha e dos seus correligionários.

O Brasil inteiro, fervia, então, de rixas políticas. O governo já se encontrava assoberbado em assegurar a vacilante cadeira presidencial e não podia socorrer aos Estados e municípios. Estes que se ajudassem como pudessem. E Blumenau socorreu-se mesmo do melhor jeito que pôde. Convocou-se uma guarda civil, que foi arregimentada de qualquer maneira, sob direção competente. Disponha-se de muito tempo e, além disso, as atividades comerciais e outras, estavam completamente paralizadas pelo que os cívicos até gostavam da nova situação.

Depois da proclamação da república, lavrava a desordem por toda parte, até mesmo na administração das cidades. Reclamava-se, fazia-se oposição a tudo e cada qual se julgava no direito de dar opinião e intrometer-se na vida administrativa do país. Os partidários do imperador criavam dificuldades de toda a sorte à novel república. Falava-se, até, que eles pretendiam assumir o governo dos municípios, o que, aliás, conseguiram

com a posse de algumas câmaras. Mesmo a câmara de Blumenau esteve, por algum tempo, nas mãos dos imperialistas (maragatos), fato êsse que deu azo a intrigas, atritos e conflitos que permaneciam impunes, pois a própria polícia a êles se ligara.

Tornar-me-ia muito prolixa se mencionasse, aqui, tudo o que então, sucedeu em Blumenau e mesmo se me propuzesse esmiuçar o que se deu no dia 28 de julho, data que marca o ponto final de uma série de lamentáveis acontecimentos.

Voltemos, pois, à câmara de Blumenau.

No dia 13 de julho, um violento foguetório (particularidade que nunca faltava em ocasiões "importantes" em ambos os partidos) anunciava que os legalistas (simpatizantes da nova república) tinham se apoderado, novamente, da câmara municipal. O mesmo acontecera com as câmaras de Brusque e de Tijucas que caíram nas mãos dos legalistas no mesmo dia. A polícia tratara, até então, a população, como inimiga e os abusos por ela cometidos haviam ultrapassado as medidas. Por isso, aconteceu que na manhã de 14 de julho os filhos dos colonos e os da cidade, sem arma alguma, expulsaram de Blumenau os policiais e se encarregaram, êles mesmos, da guarda da prisão. Naturalmente que tal fato não poderia deixar de provocar reações. Elesbão espumava de raiva e jurou vingarse dos blumenauenses. Foi aí que começaram os tempos mais agitados. Boatos por toda parte. Soldados e paisanos se movimentavam. Cavaleiros levavam, daqui, as novas aos colonos mais afastados. Quem tivesse coragem e uma arma que se apressasse, pois os oucos habitantes da cidade de Blumenau não conseguiriam, sem o auxílio do interior, enfrentar o ataque de algumas centenas de "inimigos". Cento e cinquenta homens, todos blumenauenses, sob o comando dos doutores Cunha e Hercílio Luz puzeram-se em marcha no dia

25 de julho, para o sul, no propósito de sustar a marcha dos "invasores". Pelo menos era isso que se dizia e, talvez tivesse sido essa a verdadeira intenção, mas a realidade foi que a tropa se dirigiu para a capital do Estado. Esperava-se que os contingentes que Floriano mantinha na fronteira de Sta. Catarina com o Rio Grande, fôsem suficientes para conter os revoltosos do sul.

Aliás, por êsse mesmo tempo, parece ter-se dado, também, em Itajaí, um choque armado, no qual o comandante das tropas de guarda-fronteiras, Coelho, prendeu o chefe do grupo, Brasil. Mas não foi difícil a essa gente bisonha encontrar uma saída. O referido grupo derrotado (na sua maior parte composto de caboclos) aliou-se a Elesbão da Luz, seguindo com êste, contra Blumenau. Vê-se, por aí, que não era só Elesbão que intencionava "visitar" a nossa cidade. Ele animou os demais para que se juntassem ao grupo. Certamente já prelibavam os três dias de festa que passariam em Blumenau, durante os quais pudessem saquear e depredar à vontade. Blumenau estava desprovida da sua melhor proteção e do seu armamento, em virtude da partida dos 150 homens de Hercílio Luz. Agora, porém, que a ameaça pesava sobre as próprias cabeças, encontraram-se ainda bastante mocinhos e número razoável de "trabucos" para constituir novo esquadrão. Nos arrabaldes próximos ao barracão dos imigrantes, foram cavadas trincheiras e feitas barricadas; outras cavadas às margens do rio e ao longo da estrada; no alto do morro, postaram-se vigias. A cidade estava pronta para receber o adversário em incontida e febril expectativa.

De repente aparece um grupo de inocentes lenhadores avançando pela estrada; os nossos acreditaram tratar-se da vanguarda dos inimigos. Alguns tiros de pólvora sêca, porém, bastaram para pô-los em fuga.

Um homem muito gordo, montado num burrinho, ia pela estrada, assustando os moradores e gritando, com voz de trombeta: "êles vêm aí! Êles vêm aí!" Uma mulher, alvoroçada e tremendo de medo, empurrava um carrinho de

criança, daqui para ali, pela estrada, de uma trincheira para a outra; um carro de cerveja rodava pelo caminho, fazendo um barulhão e o condutor batia os animais, como um possesso, com o intuito de apressá-los para ir mais depressa apanhar a sua arma. As crianças, despreocupadas, sem consciência do perigo, gritavam, contentes de tomar parte no espetáculo: "Êles vêm, êles vêm aí!"

Certamente, se êsses fatos acontecessem em nossos dias, a coisa seria diferente.

"Êles", porém, não apareciam. E continuava a expectativa e a ansiedade.

Afinal, apareceram na tarde do 28 de julho, inesperadamente. Inesperadamente, paradoxo ridículo. A verdade é que Blumenau estava completamente isolada das demais cidades porque os "inimigos" haviam cortado os fios do telégrafo. Ninguém viajava desprevenido naquêles tempos. Logo que aparecia um rosto estranho, era visto com olhos de desconfiança e, não levava muito tempo até que o acusassem de espião. Aviões e automóveis com os quais a gente pudesse se pôr em comunicação com outros centros, pertenciam ainda aos domínios da imaginação. Quem poderia, pois, adivinhar se o combate se travaria hoje, ou dentro de oito dias?

Mas veio mesmo no dia 28 de julho e começou com uns poucos tiros. Depois, foi uma saraiada de balas.

Felizmente, ninguém saberia profetizar o fim do combate e nem mesmo saber o número de invasores, o que se constituia num fator útil e mesmo de entusiasmo para os blumenauenses ali concentrados. O pior é que os nossos quase não tinham armas e eram integrados, na sua maioria, por mulheres e crianças. Descendo a pormenores, devo dizer que nós, crianças, estávamos ansiosos por ver alguma cousa, mas nem sequer se nos dava atenção. Invejávamos os maiores que corriam para as margens do rio a fim de escutarem os tiros. As balas, conforme diziam depois, sibilavam em torno dêles.

O farmacêutico Brandes, que participara da guerra franco-alemã de 1871, competente, portanto,

no assunto, e que também se encontrava à beira do rio, comentava: "Eles atiram alto demais! O pessoalzinho nem mesmo sabe disparar. Escutem! Lá estão os nossos... Esses, agora, são tiros de perseguição".

E eram mesmo! O ataque fôra repellido em menos de uma hora. Os atacantes que chegavam convencidos de poder se apoderar de Blumenau sem luta, ou resistência viram-se, de repente atacados por todos os lados e por tais sa-raivadas de balas, que pareciam descer dos céus. De nada adiantaram os revólveres de Elesbão e de Fausto Werner apontados contra os fugitivos. Toda a tropa atacante, ao se ver alvo de tantos tiros, pôz-se em fuga decabalada. Alguns, mais afoitos e corajosos ainda trocaram alguns tiros com os nossos, mas, na impossibilidade de alvejar-nos, fugiram também. Do nosso lado, não houve prejuizos. Apenas um furo de bala num chapéu velho de um colono desconhecido.

Para tirar aos grupos atacantes compostos de policiais, aventureiros, mulheres e crianças, a vontade de voltarem, durante a noite, os nossos perseguiram pela estrada à fora até alguns quilôme-

tros para baixo. Mas o campo estava livre e os nossos poderiam descansar sobre os louros da vitória.

Enquanto, aqui em Blumenau, as coisas corriam desse geito, a guarda que daqui havia saído a 25 de julho se preparava para um golpe certo na capital do Estado. Tencionava-se, por motivos políticos, depôr o governador e empossar outro. Ousada tentativa de um grupo insignificante! A façanha, entretanto, foi bem sucedida. No dia 30 de julho, após terem se apoderado, sorrateiramente, das armas existentes no arsenal, os nossos bombardearam o palácio do govêrno e empossaram Hercílio Luz no cargo de governador. Voltaram em seguida para Blumenau, onde chegaram a 4 de agosto.

Os moradores do Destêrro, ressentidos pelo golpe, muitos anos não o esqueceram, votando-nos raiva muito justificada. Realmente, havíamos conquistado duas grandes vitórias: uma contra os invasores do município e outra contra o próprio govêrno do Estado.

Algum dia poderá reproduzir-se esse histórico acontecimento? Dúvidamos.

Blumenau pitoresco



Uma vista da rua 15 de novembro, tendo, no primeiro plano o edifício do Cine Blumenau.

14.º - CURT HERING (1923-1930)



Paulo Zimmermann teve, em Curt Hering, um digno continuador da obra magnífica, que vinha empreendendo, de engrandecimento e remodelação da cidade, de completa reforma administrativa, de grande prosperidade em todos os ramos dos negócios públicos.

A época administrativa que êle presidiu foi de grande atividade. Reformou o sistema tributário então vigente; construiu estradas e respectivas obras de arte; desenvolveu intensa e proveitosa propaganda do município nos Estados da federação, concorrendo, assim, para o grande desenvolvimento que tiveram as indústrias e o comércio. Isso tudo dá a Curt Hering um título de grande benemerência, tornando a sua memória credora da grati-

dão de todos os blumenauenses.

Com o falecimento de Paulo Zimmerman, a 9 de maio de 1923, Curt Hering, na qualidade de vice-presidente do Conselho Municipal, assumiu o cargo de Superintendente, interinamente, visto achar-se ausente o presidente, que era o dr. Victor Konder. Por insistência dêste e de outros amigos, Curt candidatou-se ao cargo nas eleições marcadas para 24 de junho, tendo sido eleito sem oposição. Tomou posse do cargo a 2 do mesmo mês. Suas vistas voltaram-se, especialmente, para o sistema rodoviário, carente de providências que o fizessem, realmente, eficiente, num município enorme e completamente povoado por colonos necessitados de meios de transportes para a sua produção. Levou, nesse particular, o govêrno municipal a arrojados empreendimentos para a época, como as pontes de cimento armado sôbre o rio Itajaí-açu, em Indaial e em Rio do Sul. A primeira delas, a de Indaial, foi inaugurada em 1925 e beneficiou vasta área do município, habitada por mais de 20.000 pessoas, componentes de 3.300 famílias, moradoras dos vales do Benedito, do Rodeio, do Cedros e dos seus confluêntes. Em março de 1924, um grupo de capitalistas do Estado, entre os quais o próprio Curt Hering, adquiriu as ações da Empresa Fôrça e Luz Santa Catarina, passando a administração desta, de São Paulo para Blumenau, fato que veio dar novo impulso ao desenvolvimento fabril do município. Come-

morou-se, a 2 de setembro de 1925, com grandes festejos e geral entusiasmo, o 75.º aniversário da fundação da colônia e a 18 de agosto do mesmo ano o jubileu de ouro da chegada dos primeiros imigrantes italianos ao Rodeio. Fez parte das comemorações uma grande exposição de produtos agrícolas e industriais de Blumenau, certame que alcançou amplo sucesso e despertou geral admiração. De março a outubro de 1925, Curt Hering esteve licenciado, em tratamento de saúde na Europa.

Reeleito para o período seguinte, Curt Hering tomou nova posse do cargo de Superintendente Municipal a 1.º de janeiro de 1927. Nêsse ano, em junho, foi restaurado o Tiro de Guerra n.º 475 e a 9.ª Companhia de Metralhadoras Pesadas que, sob o comando do capitão Tomé Rodrigues, seguira para São Paulo, regressa a Blumenau a 28 de agosto, mas apenas para ultimar os preparativos para a sua transferência definitiva para o Rio Grande do Sul, o que se deu em comêço de 1928. O município realiza, por sua conta, um recenseamento geral, em 17 de dezembro de 1927, tendo se chegado aos seguintes resultados: População: 98.663 pessoas, integradas em 16.658 famílias e espalhadas por uma área de 10.678 quilômetros quadrados de superfície, dando uma densidade de 9 habitantes por quilômetro quadrado. O número de católicos era de 51.244, o de protestantes 47.109 e o de outras profissões religiosas 310 pessoas. A percentagem de analfabetos era de 30%. Havia, no município, 73.583 cabeças de gado vacum, 21.482 cavalares e muar, 102.761 suínos, 4.549 caprinos. Em 1927 Curt Hering, levando em conta a precariedade das instalações da repartição dos Correios e Telégrafos desta cidade, fez construir, por própria conta, um prédio para êsse fim no comêço da alameda Rio Branco e que é o mesmo em que, ainda hoje, se acham instalados aquêles importantes serviços públicos. A linha postal, diária, entre Blumenau e a capital do Estado foi inaugurada a 1.º de junho de 1928. A 14 dêsse mesmo mês, o ex-rei da Saxônia, Frederico Augusto, visitou Blumenau. A 18 de outubro, foi inaugurada a estação da Companhia Telefônica Catarinense, de serviço de comunicações intermunicipais. A 7 de janeiro de 1929 foi dado comêço às obras da ponte "Curt Hering", em Bela Aliança, atual Rio do Sul, um dos mais arrojados empreendimentos do govêrno dêsse dirigente municipal. Em virtude da constituição promulgada em 25 de julho de 1928, passaram os Superintendentes municipais a ter a designação de prefeito, sendo, assim, Curt Hering o primeiro prefeito de Blumenau. Muitas outras obras de destaque põem em relêvo a administração de Curt Hering, podendo-se contar o calçamento da rua 15 de novembro com paralelepípedos, a construção do edificio da intendência de Massaranduba, inauguração do trecho Subida a Lontras, da Estrada de Ferro Santa Catarina, construção do monumento ao sábio Fritz Mueller, etc. Em abril de 1929, Curt Hering licenciou-se para nova viagem à Europa, de onde regressou em fins de outubro. Êsse ilustre blumenaense não completou o seu segundo quadriênio, pois, em outubro de 1930 foi deposto pelas forças revolucionárias, que também ocasionaram a queda do govêrno da república, ocupado pelo dr. Washington Luís.

Curt Hering nasceu em Blumenau, onde também fez seus estudos, a 8 de maio de 1881. Filho de Hermann e Mina Hering, que com o irmão e cunhado Bruno fundaram a fábrica de tecidos que é, hoje,

a Companhia Hering, dos mais importantes estabelecimentos industriais do país. Curt herdou de seus pais o amor ao trabalho, a honestidade e um desusado pendor para a cultura do espírito e da inteligência. Ilustrara o espírito com a leitura dos bons autores e possuía noções muito adiantadas do pensamento dos clássicos da época. Estudara música e se fizera exímio na execução do piano. Era fino no trato, educado de modos, embora pouco comunicativo, preferindo a vida sossegada do lar às reuniões sociais e às manifestações públicas. Honesto em todo sentido, inspirava confiança absoluta. Tolerante e generoso por princípio e por índole, nunca deixou de amparar os que a êle recorriam, dando incondicional apóio moral e pecuniário às iniciativas tendentes ao engrandecimento do município. Foi o maior incentivador de sociedades culturais, como a "Carlos Gomes", que lhe deve quase tudo da sua grandeza e prestígio atuais. Foi um homem bom e justo. Por isso, e mui acertadamente, a população blumenauense immortalizou-lhe a memória em bronze, numa das praças públicas, preto de eterna gratidão.

Faleceu a 26 de dezembro de 1948, pouco tempo após o desaparecimento de sua espôsa, a que fôra muito afeiçoado.



ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

MAIO DE 1960

1.º — Dia do Trabalho. Transcorre sem festividades de importância. A imprensa escrita e falada divulga manifestos das instâncias competentes.

No 3.º Campeonato de Pesca ao Robalo, promovida pela firma Prosdócimo, classificam-se vencedores: 1.º lugar — Sr. Guilherme Buch; 2.º lugar — Sr. Ulmer Lafront, 3.º lugar — Sr. Rui Mietzsch; 4.º lugar — Sr. Luiz P. Souto.

No jornal "A Nação" é publicada uma explanação do diretor do DOP municipal, engenheiro João Maria de Oliveira, referente à crise no fornecimento da água, demonstrando absoluta insuficiência das instalações de tratamento de água para a população atual da cidade, mais numerosa do que prevista nos cálculos em 1939, no planejamento do serviço de abastecimento d'água, apontando, como única e inadiável solução, a ampliação da atual estação, ou, então, a construção de reservatórios suplementares.

1.º-31 — A falta de chuva, nas últimas semanas, provoca a introdução de plano de racionamento de energia elétrica, chegando ao aviso n.º 3, quando em meados do mês, ocorrem alguns dias de chuva. Mesmo assim, é publicado o aviso n.º 4, para caso de emergência, efetuando-se os desligamentos aí previstos, nos últimos dias do mês. Nova baixa de nível das águas, a grande cota de luz absorvida, nesta época do ano, também durante o dia, coincidindo com o trabalho acelerado das fecularias de todo o Vale do Itajaí, de cuja economia representa a fécula um dos fatores principais, ocasionam o novo racionamento. A Empresa Fôrça e Luz Sta. Catarina, concessionária da zona, está construindo uma terceira usina, "Palmeiras", para cooperar na produção com as usinas "Salto" e "Cedro". Uma reportagem sobre a recente visita às obras, por um grupo de engenheiros e o reporter de "A Nação", descreve o estado adiantado das mesmas, com o tunel condutor

da água já totalmente perfurado na rocha viva, numa extensão de 846 metros.

1.º — O aviso das firmas distribuidoras do leite, vendido, até então, a Cr\$ 6,00 e 7,00, por garrafa, fixando agora o preço de Cr\$ 10,00, provoca protesto da parte dos consumidores e da imprensa, reclamando-se a intervenção da COMAP, cujas reuniões, entretanto, só conseguem quorum no fim do mês, quando é resolvido promover uma reunião com leiteiros e açougueiros, para discussão dos preços de leite e carne.

2 — Atendendo às solicitações das Prefeituras de Blumenau e Gaspar, vem à nossa cidade um técnico do Ministério da Agricultura Dr. Manoel Batista Morais Filho, procedendo aos serviços de peixamento do Itajaí-Açu, tendo largado 43 dourados-reprodutores, declarando que, brevemente, o rio receberá outro peixe, a "Filapia Melaponema", originário do Congo Belga. Para facilitar a procriação destes peixes, dos quais o dourado chega a atingir o peso de 30 quilos, pretende-se construir uma escada de acesso na usina do Salto, preferindo estes peixes viver nas corredeiras dos rios.

3 — Visita Blumenau o Dr. Hélio Abreu, vereador da capital do Estado e líder naquêlê legislativo da União Democrática Nacional, exercendo, também a direção comercial das centrais elétricas do Estado.

Falece a Sra. Elsbeth Repp Neufert, progenitora do Dr. Gerhard C. F. Neufert, químico industrial da "Eletro Aço", ex-deputado estadual, eleito pela UDN local.

"A Nação" publica um ofício, no qual a Diretoria do "ABAMD", (Associação Blumenauense de Amparo aos Menores Desvalidos) solicita ao Sr. Prefeito Municipal a permuta do terreno, doado pela Prefeitura para a construção de um abrigo, nos fundos do Asilo dos Velhos, por outro, em melhores condições para a finalidade, situado êste no bairro de Itoupava Norte.

4 — No novo, inacabado Edifício Peiter, inaugura-se uma exposição de fotografias das rodo-

vias realizadas no plano quinque-nal do Governo Kubitschek, organizado peloDNER no nosso Estado.

No jornal "A Nação" aparece a reportagem sôbre uma entrevista mantida com o Dr. Júlio H. Zadrozny, eleito representante da bacia do Itajaí, junto ao POE, (Plano de Obras e Equipamentos), tendo informado sôbre as resoluções tomadas na Xa. reunião da Comissão Executiva daquela instituição: O POE aplicará 550 milhões de cruzeiros no corrente ano, destinado mais de 400 milhões à construção e melhoramentos de estradas de rodagem, e a cota de 211 milhões às obras da importante rodovia Itajaí-Curitiba. — A Assembléia Legislativa congratula-se com o Dr. Zadrozny, pelo empenho na defesa dos interesses da zona por êle representada.

— O mesmo jornal comenta as diligências policiais negativas em tôrno do assassinato do conhecido industrial Axel Deeke, ocorrido em junho do ano passado, na floresta do vizinho município de Indaial, durante uma caçada em companhia de dois irmãos.

8 — É divulgada a notícia da conclusão dos estudos e planejamento de barragens do Itajaí-Açu, dizendo estar previsto o término das obras para 1961.

7 — Os produtores e exportadores de fécula, do Estado, reúnem-se na séde da S.E.R. Ipiranga, bairro de Itoupava Sêca, criando a associação de classe, constituindo como presidente e vice os srs. Edgard Mueller e Marcos Gramkow, e membros efetivos do Conselho Fiscal os srs. Dr. Guilherme Renaux, Fábio Cesário Pereira e Rodolfo Goemann.

8 — Dia das Mães. Homenagens na imprensa e programas radiofônicos, decoração alusiva das vitrines das casas comerciais, atos solenes nas igrejas, e festividades nas escolas, ressaltando a promovida pelo G.E. municipal "Machado de Assis", onde comparecem o Sr. Prefeito e outras autoridades, enquanto nos programas de rádio se destaca um "Concurso de poesias", organizado na "Rádio Clube" pelo radialista Jaime Martendal, com prêmios ofertados pela firma "Barbiéri Propaganda Ltda.", vencendo a Srta. Walmira Siemann.

10 — No Cartório Eleitoral comparece uma jovem sem braços, a fim de tirar seu título de eleitor, procedendo ao preenchimento dos formulários e assinatura, segurando a caneta entre os dedos do pé direito. A corajosa e simpática srta. Lili Zwetsch reside em Itoupava Central e é natural do município de Rio do Sul, onde, aos 5 anos de idade, teve os braços triturados nas engrenagens de engenho de açúcar, e amputados em seguida. Ensinada por seus familiares, aprendeu a ler e escrever, costurar e bordar, sabendo confeccionar fiôres artificiais e enfeites de árvore de Natal. Levada a Itajai, pelo Superintendente dos "Diários Associados" do nosso Estado, onde na época se encontrava o afamado ortopedista Dr. Cesar Ávila, de Porto Alegre, este então havia justamente voltado àquela capital, examinando outro médico a moça, opinando ser impossível a utilização de braços mecânicos, devido à amputação efetuada quase encostada às articulações dos ombros, assunto, entretanto, afeto à competência de especialista.

14 — Falece a Sra. Cecilia Busch Huber, irmã do Sr. Frederico G. Busch Junior, Prefeito Municipal.

20 — Na "Coluna Cirófila" do jornal "A Nação" rebate o Sr. Brandão Brito os "estranhos cenários" que, por ocasião da 7.^a Exposição Canina, na páscoa do c. a., um expositor de Santos, Dr. Paulo Santos Cruz, pretende ter observado na nossa cidade. Conta êle, em reportagem, serem as moradias blumenauenses em sua totalidade construções de madeira, com telhados também de madeira, mencionando a não existência de ônibus, e bondes, dizendo: "Todo mundo pedala. Senhoras de chapéu chic pedalando com esforço numa esquina. Senhoritas de salto alto e toaletes para chá das 5, em disparada nas suas "Hércules"..."

21 — A Sra. Celêste Pereira Malburg, proprietária da boutique "A Bonita", apresenta em soirée dansante no Teatro Carlos Gomes, um aplaudido "Desfile de Modas", organizado em conjunto com a "Campanha da Solidariedade Humana", em cujo benefício reverte o lucro da animada festa, tendo desfilado moças

da nossa sociedade e uma graciosa aluna do Curso de Manequins de São Paulo.

23 — Ocorre o falecimento do benquista médico Dr. Antônio Hafner, diretor, por longos anos, do Hospital Sta. Catarina, tendo ocupado, atualmente, a direção médica da Maternidade Elsbeth Koehler.

27 — Visita esta cidade o Secretário do Trabalho do Estado, Dr. Lerner Rodrigues, que vêm respondendo, também, pelo expediente da Secretaria de Segurança Pública. Na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Ind. de Fiação e Tecelagem, faz S. Excia. a entrega do auxílio de 300.000 cruzeiros, auxílio concedido pelo Governo do Estado aos Sindicatos dos Trabalhadores de Blumenau, saudado na ocasião pelos Srs. Aldo Pereira de Andrade e Jaime Coelho, presidentes do Sindicato.

28 — Chega a esta cidade o Senador Irineu Bornhausen, candidato ao Governo do Estado pela UDN, assistindo uma festa em casa do Secretário da Fazenda, Sr. Hercílio Deeke, tomando contato no dia seguinte, com dirigentes políticos do Partido, sôbre a possibilidade de escolher o Dr. Carlos Cid Renaux como companheiro de chapa, caso que é divulgado pela imprensa nos dias seguintes, como pelo rádio, onde é entrevistado o candidato em pauta, que confirma o convite do Sr. Irineu Bornhausen, dizendo nada poder adiantar de momento, requerendo a aceitação da candidatura em pauta, entendimentos com a família e companheiros de Partido, pertencendo o Sr. Renaux às fileiras do PSD.

29 — Realiza-se comício e convenção do P.S.P. com a presença do Sr. Adhemar de Barros, que lança, na ocasião, a candidatura do Dr. Newton Borges dos Reis para Prefeito Municipal. No mesmo dia, comentando o caso da sucessão municipal, diz o jornal "A Nação" estar consolidada apenas a candidatura do Sr. Hercílio Deeke pela UDN, devendo manifestar-se o PSP na convenção à noite, enquanto os partidos PSD, PTB e PRP estavam na base de entendimentos para a indicação de um candidato tri-partite-único, cogitando-se do nome do Sr. José Ferreira da Silva.

ESTANTE DOS "CADERNOS"

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações, sôbre as quais voltaremos a nos ocupar, nesta secção, com mais vagar:

Warter F. Piazza — diretor de Cultura do Estado de Sta. Catarina "FOLCLORE DE BRUSQUE", em magnífica edição da Sociedade Amigos de Brusque e comemorativa do centenário desta última cidade. Trabalho que merece francos elogios pela relevância da matéria, pela maestria da exposição e perfeição material.

Helmut Andra — HANS STADEN E A SUA ÉPOCA — Separata da Revista de História (n.º 42). Trabalho muito interessante e erudito.

Herbário Barbosa Rodrigues, de Itajaí: "SELLOWIA", n.º 12, de 15 de maio. Como sempre, repleta de preciosas informações e estudos botânicos, em artigos de R.M. Klein, B. Rambo, R.S. Cowan, L.B. Shmith & Downs, A.C. Brade, Padre Raulino Reitz, seu diretor e principal intensivador dos conhecimentos botânicos no país.

Marcos Konder — RELAÇÕES ENTRE EMPREGADOS E EMPREGADORES — palestra realizada no Rótary Clube de Curitiba, em março de 1948.

Guilherme Auler — PRIMEIROS BATIZADOS, O IMPERADOR E OS ARTISTAS, OS BOLSISTAS DO IMPERADOR, FÉ DE OFÍCIO DO MAJOR JULIO FREDERICO KOEHLER, FUNDADOR DE PETRÓPOLIS, trabalhos que merecerão referências em próxima edição.

Ayres Gevaerd — AS SOCIEDADES ESPORTIVAS, RECREATIVAS, CULTURAIS, BENEFICIENTES, DE CLASSE E MILITARES DE BRUSQUE — Edição da Sociedade dos Amigos de Brusque, comemorativa do centenário dessa cidade. Trabalho de pesquisa muito interessante e de indiscutível valor histórico.

Instituto Hans Staden — "STADEN-JAHRBUCH" 1959-1960. Artigos substanciais, subscritos por nomes dos mais respeitadas no mundo intelectual.

Laércio Cunha e Roberto de Faria — ITAJAÍ, CEM ANOS DE MUNICÍPIO — Edição comemorativa do centenário da emancipação de Itajaí. Com artigos muito interessantes e instrutivos sôbre a história do próspero município litorâneo. Boa ilustração e feição material muito simpática.

SC — número de estréia da nova revista de Laercio Cunha e Roberto de Faria que se propõe substituir O COOPERADOR. Variada e substancial colaboração sôbre o nosso Estado.

DEUTSCHLAND IM WIEDERAUFBAU — Edição do Departamento federal de imprensa e informação da República Federal Alemã. Com êsse verdadeiramente monumental trabalho sôbre a recuperação da Alemanha e do seu atual desenvolvimento, que assombra o mundo, recebemos vários outros livros sôbre aquêle país, por intermédio do sr. Richter, secretário do Consulado da Alemanha em Curitiba. Muito agradecemos a S.S. essa valiosa contribuição para o enriquecimento da nossa biblioteca e, por seu intermédio, apresentamos ao governo alemão os nossos parabéns pela grandiosidade do trabalho que realiza, em prol do reerguimento da grande nação européia e da reconquista do pôsto de destaque, que sempre ocupou, entre as grandes potências mundiais.

Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A.

BRUSQUE -- SANTA CATARINA

(Fundada em 1892)

“ R E N A U X ”

UMA TRADIÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL

TECIDOS DE ALTA QUALIDADE

CÓRES FIRMES E

ACABAMENTO PERFEITO

FILIAIS EM PÔRTO ALEGRE E BLUMENAU

REPRESENTANTES EM

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR

BELO HORIZONTE — FORTALEZA

MACEIÓ

CASA PEITER

MATRIZ: RUA 15 DE NOVEMBRO, 563 — FONE, 1054

FILIAL: RUA 15 DE NOVEMBRO, 634 — FONE, 1021

TELEGRAMAS: "PEITER"

CAIXA POSTAL, 40



NA MATRIZ:

O MAIS COMPLETO SORTIMENTO DE
CASIMIRAS, LINHOS, BRINS, RISCADOS, LÃS,
SEDAS, ALGODÕES, ARMARINHOS
CONFECÇÕES PARA HOMENS



NA FILIAL:

CASACOS, TAILLEURS, VESTIDOS, ARTEFATOS DE MA-
LHA, ARTIGOS PARA PRAIA, ROUPAS DE CAMA E
MESA, BOLSAS, LENÇOS, FELPUDOS "ARTEX",
CONFECÇÕES PARA CRIANÇAS.



TUDO PELOS MELHORES PREÇOS